

**A ONTOLOGIA SEGUNDO G.H.:
UM ESTUDO DO SER EM CLARICE LISPECTOR****ONTOLOGY ACCORDING TO G.H.:
A STUDY OF THE BEING IN CLARICE LISPECTOR**

Thais Santos MEDEIROS¹
Fernando de MENDONÇA²

RESUMO: Segundo a noção heideggeriana, por sua própria constituição, o Ser-aí (Dasein) é dotado da possibilidade de colocar questões. Tal investigação perpassa toda a obra da escritora Clarice Lispector, encontrando seu ápice em *A paixão segundo G.H.* (1964). Como na imagem heráldica, a questão do Ser é ponto central do romance, a se desdobrar durante o desenvolvimento da narrativa, numa perspectiva em abismo concretizada através do trabalho com a linguagem, característica escritural da autora. É narrando que G.H. se questiona. Esse desvelamento do Ser é o que a presente reflexão objetiva analisar. Intenta-se uma avaliação de como, por meio da linguagem literária, o pensamento filosófico se evidencia. Dessa forma, não apenas relacionamos o texto de Clarice com os conceitos de Heidegger (2005), apoiando-nos em leituras que já intuíram tal conexão (NUNES, 1981; 2002; SÁ, 1993; 2004), mas também colocamos em questão a possibilidade de um ‘pensamento clariceano’, que acontece não nos moldes da escrita filosófica, mas numa ‘literariedade pensante’. A relação entre os questionamentos filosóficos e a literatura motiva esse trabalho, mostrando que o olhar de Clarice Lispector para o Ser é abismal.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e Filosofia. Ontologia. Clarice Lispector.

ABSTRACT: According to the heideggerian notion, for its own constitution, the There-being (Dasein) is endowed with the possibility of putting questions. Such investigation occurs in all of Clarice Lispector’s work, hitting its apex in *The passion according to G.H.* (1964). Such as the heraldic image, the question of the Being is the novel’s focal point, which unfolds during the narrative development, in a perspective in abyss implemented through the work with the language, scriptural characteristic of the author. It’s narrating that G.H. questions herself. This unveiling of the Being is what this reflection aims to analyze. Intends an evaluation of how, through literary language, the phylosophical thoughts highlights itself. Therefore, not only we relate Clarice’s texts with Heidegger’s concepts (2005), resting ourselves on references that already argued about that conection (NUNES, 1981; 2002; SÁ, 1993; 2004), but also we put into question the possibility of a ‘claricean thought’, that does not occur in the phylosophical writing mold, but in a ‘literarity thinking’. The relationship between phylosophical questions and the literature motivates this work, demonstrating that Clarice Lispector’s view on the Being is abyssal.

KEYWORDS: Literature and Philosophy. Ontology. Clarice Lispector.

1. Mestranda em Letras (PPGL) na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, e-mail: thaismedeiros594@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5497-8608>.

2. Doutor em Letras (UFPE), Professor de Teoria Literária (DELI/PPGL) na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, e-mail: nandodijesus@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8659-8490>.

Introdução

A aproximação a uma autora com uma fortuna crítica extensa como Clarice Lispector sempre se dá de forma difícil. Encontrar um ponto que ainda não foi tocado é como encontrar um diamante numa mina há muito explorada. Mas uma mina, por mais utilizada que tenha sido, nunca deixa de ser uma mina. A relação entre o texto clariceano e a filosofia não configura uma novidade, considerando que a percepção de um trabalho com o pensamento é uma de suas principais características. Segundo a obra desta escritora, já se concluiu tratar-se de um “objeto de fácil escolha para um trabalho de filosofia, pois contém inequivocadamente conteúdos que manifestam profunda reflexão fazendo eco a problemas filosóficos clássicos nas entrelinhas de seus textos” (ALMEIDA, 2009, p. 13).

A relação entre Literatura e Filosofia na obra da escritora já foi analisada e discutida por diversos outros teóricos. Pelo menos desde 1965, um ano após a publicação de *A paixão segundo G.H.*, livro sobre o qual concentramos maior atenção neste espaço, localizam-se reflexões que se apropriam do romance numa perspectiva filosófica. A leitura pioneira de José Américo Pessanha, naquele ano (o texto foi revisto e republicado no dossiê dedicado à Clarice pela *Remate de males*, 1989), já se movia dentro deste interstício, prosseguido por diversos críticos e pesquisadores no correr dos anos, até os dias atuais³.

De acordo com Benedito Nunes, um dos maiores especialistas em Clarice Lispector, é a possibilidade de reflexão contida em um texto que possibilita analisar a literatura pelo viés filosófico: “esse caráter reflexivo se dá através da linguagem, que se constitui em problema comum da filosofia e da literatura; sobre a interdiscursividade promovida pelo texto literário e; finalmente, sobre temas tratados pela literatura que sejam de interesse da filosofia.” (NUNES, 1981, p. 192). Nunes ainda evidencia alguns modos de analisar o texto literário através do aparato filosófico.

No entanto, procuramos aqui nos amparar no modo que dissolve as fronteiras entre os textos filosóficos e literários numa abordagem mais interpelativa, uma vez que isso privilegia as possibilidades de sentido propostas na literatura (terceiro modo, ao perseguir a filosofia do texto literário). É essa ‘terceira margem’ que buscamos elucidar neste artigo. Para isso, os pontos de análise sobre os quais nos amparamos são: a linguagem, as conexões da obra com as linhas de pensamento histórico-filosófico, e a instância de questionamento que a forma representa, em função de ideias problemáti-

3. Também damos continuidade, aqui, a desdobramentos oriundos da tese de doutoramento defendida por um dos autores deste trabalho (MENDONÇA, 2014), que, dentro de uma abordagem teopoética, investigou o estado ontológico do Ser na relação com o desamparo divino em *A Paixão Segundo G.H.*, donde destacamos que a autora “restitui ao verbo sua condição criadora, unificadora, evocando pelos eventos narrados um estado original do Ser” (MENDONÇA, 2014, p. 44), localizando em *G.H.* uma “conscientização do Ser e de sua linguagem, através de uma angustiada personagem que não deixa de ansiar e provar alguma satisfação na existência” (*idem*, p. 69).

cas, isto é, de “ideias que são problemas do e para o pensamento.” (*idem*, p. 192). Elucidaremos essas questões através das conexões percebidas entre *A paixão segundo G.H.* e temas caros à filosofia.

O Ser em Abismo

Sempre começamos a escrever sobre Clarice apoiados em alguns “vagalhões de mudez”. Há neste processo um simultâneo silêncio e ruído de linguagem que ecoam num espaço e tempo entrecortados pela avidez de escrever não ‘sobre’ ela, mas ‘em’ Clarice. Da tentativa de iluminar o seu texto apoiados em alguns dos ‘nossos filósofos’ e dos críticos que analisaram a obra de Clarice Lispector antes de nós, surge esse trabalho, com a delimitada tarefa de aproximação ao texto clariceano por meio de uma abordagem filosófica. Aproximação essa que se dá, assim como na epígrafe de *A paixão segundo G.H.* atravessando o oposto daquilo que se pretendia aproximar. Primeiro nos deparamos com o mistério das palavras de Clarice, alcançado pelo esforço de decifrar o código de uma linguagem espessa, massa opaca que se desvela aos poucos, aos olhos do leitor. Até o momento da revelação, que segundo a fortuna crítica da escritora acontece através de suas epifanias. Mas logo depois percebemos algo mais. Percebemos a força de uma pergunta nas palavras de Clarice, uma indagação constante e obsessiva que se desdobra através dos livros e das personagens. Em *A paixão segundo G.H.*, romance originalmente publicado em 1964, a personagem inicia o romance com uma procura: “- - - - - estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender.” (LISPECTOR, 2009, p. 9). Mas que livro é *A paixão segundo G.H.*? Para lidar com esse questionamento, alguns filósofos serão de fundamental visitaçãõ.

Para Mearleau Ponty (2002), a virtude do gênero literário romanesco não está no assunto, mas naquilo que está implícito. Não está nas palavras, matéria-prima da linguagem, mas ‘entre’ elas, nos vazios de significações que elas delimitam. Para Roland Barthes (1999), o que se aprecia num relato não é diretamente o seu conteúdo, nem mesmo sua estrutura, mas as esfoladuras que impomos ao belo envoltório. Ou seja, é necessário que se enxergue aqui a “fenda”, esse entre-lugar que coloca o texto de Clarice num patamar filosófico/literário. É nessa fenda que encontramos a potência filosófica na obra de Clarice Lispector. Finalmente, segundo Umberto Eco (2018), o romancista pode dizer aquilo que o filósofo não pode. Isso acontece não porque a literatura se encontra numa instância superior à filosofia, mas pela forma de utilização da linguagem, que alcança o nível de desprendimento do sentido formal da palavra. Dessa forma, realizamos o que se pode chamar de “descida do conceito”. Ou seja, o que na filosofia flutua entre reflexões acerca do objeto de estudo, torna-se, na literatura, a própria vivência dos conceitos.

A paixão segundo G.H., quinto romance da escritora Clarice Lispector, apresenta a jornada de uma personagem, narrada em primeira pessoa, que tem como um dos principais elementos a busca pelo sentido do Ser, o que evidencia uma relação com a ontologia, parte da filosofia que trata da natureza, realidade e existência dos entes. A busca do Ser enquanto Ser perpassa grande parte da obra de Clarice Lispector, encontrando seu ápice neste romance, que intenta desvelar o Ser a partir da linguagem. Olga de Sá, em seu trabalho intitulado *Clarice Lispector: a travessia do oposto*, também aborda a mesma questão. De acordo com Olga, “o ser para Clarice apresenta uma face visível, sensorial, capaz de ser escolhida pela linguagem, uma face concreta, alcançável, a serviço da qual ela cria imagens estranhas, símbolos, recursos desdobráveis e múltiplos, expressivos.” (SÁ, 2004, p. 17). Em outro momento de sua argumentação, a mesma pesquisadora também constata que “*A paixão* é, portanto, uma ontologia, uma metafísica construída pelo método empírico, cuja finalidade é desvelar o Ser. Desvelar o Ser contra a linguagem (fazendo linguagem), contra a razão que o encobre.” (*idem*, p. 124).

Levando em consideração a amplitude de filósofos que tratam da ontologia e pela afinidade com o trabalho específico deste autor, utilizamos o pensamento de Heidegger a respeito do Ser sob o conceito do Dasein (Ser-aí), na obra *Ser e tempo*, publicada no ano de 1927. O Dasein é aquele que, em virtude de seu próprio Ser, tem a possibilidade de colocar questões e de interpretar-se. Segundo o filósofo, “questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é”. (HEIDEGGER, 2005, p. 30). Em *A paixão segundo G.H.*, o questionamento está ligado a uma necessidade de sobrevivência: “Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação a: ser?” (LISPECTOR, 2009, p. 11).

Para G.H., só é possível continuar a viver depois de passar pelo medo de encontrar uma resposta para o sentido do Ser, que se dá pelo caminho da paixão. A paixão é, portanto, uma ontologia, uma metafísica construída pelo método empírico, cuja finalidade é desvelar o Ser. Desvelar o Ser contra a linguagem (fazendo linguagem), contra a razão que o encobre, contra a transcendência, que, segundo a narradora, o ultrapassa. A paixão é a dor contra o hábito que a insensibiliza. “É a vida, a totalidade, contra o ‘eu’, o puramente psicológico.” (SÁ, 2004, p. 125) É o desvelamento do Ser que buscamos elucidar na obra clariceana, no sentido de ir contra a transcendência que pode ser ela mesma um acréscimo, um empecilho para a realização do ser total. Diante desse contexto, equilibrado sobre uma tênue fronteira entre o romanesco e o filosófico, localizamos a necessidade de avaliar como, através da linguagem literária, o pensamento se evidencia. Dessa forma, não apenas relacionamos o texto de Clarice com os conceitos de Heidegger, mas colocamos em questão a possibilidade de um pensamento clariceano, que acontece não nos moldes da escrita filosófica, mas através de uma literariedade pensante.

O questionamento sobre o sentido do Ser perpassa grande parte da obra de Clarice Lispector. É como se mergulhássemos a mão num lago e voltássemos com ela encharcada de reflexos do ser. Cada um mostrando uma face diferente. Em *Perto do coração selvagem* (1944), primeiro romance da escritora, a personagem Joana já inaugura essa busca. Lóri, Martin e Macabéa⁴ também percorrem o mesmo caminho. Como na imagem da heráldica (um dos símbolos mais recorrentes das narrativas em abismo⁵), a imagem do Ser é colocada como ponto central, vindo a se desdobrar não apenas em *A paixão segundo G.H.*, mas em toda a obra da autora, mostrando que o olhar para o Ser em Clarice é abismal.

Nesse sentido, é imperativo situarmos o estudo de Mariângela Alonso, *O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector* (2017), como inspiração fundamental ao que evocamos da estrutura narrativa em abismo enquanto chave de entendimento para a situação filosófica de *G.H.* Em sua pesquisa, Alonso traça um amplo painel das aplicações possíveis que o conceito de André Gide encontra dentro do universo clariceano, atravessando praticamente todo o legado da escritora e nele encontrando terreno fértil de experimentação. O romance de 1964 resulta como o exemplo máximo desta consciência metaficcional, amplificando os jogos de reduplicação em diversos níveis: da narradora para com a personagem, para com os espaços de sua casa, para com a representação textual de sua linguagem e o espelhamento que se concretiza a cada capítulo (sendo a última frase de um capítulo, a primeira do seguinte). Tudo isso nos importa, por refletir diretamente na constituição do Ser em *G.H.*, como vemos: “O estado de abismo e periclitância que envolve o Ser de *G.H.*, conjuga-se com as imagens dos demais cômodos de sua casa, fornecendo um movimento vertiginoso.” (ALONSO, 2017, p. 217).

Com o pressuposto abismal estabelecido, avançamos na percepção de que o conceito de *Dasein* se aproxima ao sentido de Ser em *A paixão segundo G.H.* Em primeiro lugar, a personagem está à procura de algo que não se delimita claramente como uma forma exterior. *G.H.* questiona de que é feito o invólucro no qual se encontra para atingir o núcleo do Ser. É essa busca que primeiro exemplifica a relação entre Clarice e Heidegger. O que não significa ser ela feita através de um exercício intelectual ou de pensamento, mas por meio de um tipo primeiro e quase intuitivo de compreensão: “Talvez o que me tenha acontecido seja uma compreensão e que para eu ser verdadeira, tenho que continuar a não estar à altura dela, tenho que continuar a não entendê-la.”

4. Personagens principais dos romances: *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969); *A maçã no escuro* (1961) e *A hora da estrela* (1977), respectivamente.

5. Termo que designa, em heráldica, o núcleo do escudo ou brasão, e é este o sentido que ele conserva para André Gide (autor da noção de *mise en abyme*), quando em 1893, o escritor a ele se refere, para comentar metaforicamente sua prática romanesca como um tipo de literatura que se autorreflete, inclusive em princípios criativos e de ordem metalinguística (ANKER; DÄLLENBACH, 1975).

(LISPECTOR, 2009, p. 12). Enquanto Ser no mundo, a compreensão é o modo mesmo de existência do Dasein; ele não a possui, mas existe compreendendo, por um viés pré-reflexivo. Do mesmo modo, G.H. não compreende pensando, mas compreendendo: essa primeira relação do Ser com o mundo é de lida, manipulação, estando ele em contato com o mundo e com os outros seres (*Ser à mão*) e (*Ser à vista*)⁶. O Dasein, como ente, é (*Ser no mundo*). O mundo, lugar onde está situado, é o ponto de partida em que o Dasein articula sua rede de significações. O processo de compreensão, aqui, não é colocado como algo *a priori* ou *a posteriori*, não é uma atitude sobre a qual o *Ser-á* se lança, como se existisse sob uma intenção prévia de consciência, mas é sua própria forma de existir no mundo. Ou seja, ele existe, compreendendo. Expandimos aqui a noção de compreender relacionada a entendimento, ou a um engajamento reflexivo e analítico sobre ao que se detém. Todo ser compreende o mundo em que está inserido, pois nele vive, sem ser necessário racionalizar. A possibilidade de questionamento é que abre ao Dasein o mundo como lugar de possibilidades outras e de ser ele mesmo um outro.

Em Clarice, a compreensão como forma de estar no mundo é demonstrada não somente em *A paixão segundo G.H.*, mas também em outros livros. Lóri, por exemplo, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, precisa passar por uma aprendizagem para chegar ao entendimento. G.H. precisa inaugurar em si o pensamento. Elas passam pela queda, pela angústia de conseguir chegar ao nível do entender. “Lóri se cansava muito, pois não parava de ser” (LISPECTOR, 1998, p. 20). O que Ulisses, seu companheiro, quer é que ela faça o caminho da aprendizagem, pois, segundo ele, a maior necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano. A compreensão já nos é dada, faz parte de nossa condição. Mas a busca pela plena realização da existência é o que faz com que Ulisses pertença a uma condição maior:

Enquanto a condição do Universo era tão grande que não se chamava de condição. A condição humana de Ulisses era maior que a dela que, no entanto, tinha um cotidiano rico. Mas seu descompasso com o mundo chegava a ser cômico de tão grande: não conseguira acertar o passo com as coisas ao seu redor (*idem*, p. 20).

Interpretar é o nível seguinte da compreensão. Essa análise da realidade dada sempre se dá de acordo com o humor. Ou seja, os sentimentos para Heidegger significam a forma de abertura para o mundo. É de acordo com eles que o mundo se apresenta. Sentimentos como tédio, alegria, angústia e medo são canais pelos quais nós, enquanto Dasein que somos, compreendemos e assimilamos o mundo e os outros entes. A interpretação nada mais é do que o desenvolvimento do compreender, apropriando-se

6. A ontologia fundamental abrange os seres da ordem do Dasein e aqueles dois que a essa ordem não pertencem, chamados de categorias, e que são o Ser-à mão e o Ser-à vista, ou seja, os entes acessíveis na práxis e os entes que se apresentam diante de nós como objetos substantes (NUNES, 2002, p. 13).

das possibilidades em que o Ser se projeta. Do ponto de vista existencial, o discurso é elemento constituinte e originário do ser, assim como a compreensão. “A compreensibilidade já está sempre articulada, mesmo antes de qualquer interpretação apropriadora e o discurso é a articulação dessa compreensibilidade” (HEIDEGGER, 2005, p. 229).

Entre O Ser e A Linguagem

Discurso é linguagem. É constitutivo da existência e da abertura do Dasein, que se articula em significações. Dentre as características pertencentes ao discurso, mais do que falar, destacam-se as possibilidades da escuta e do silêncio. O Ser escuta porque compreende. Não estamos falando aqui da capacidade de reconhecimento sonoro, mas do estar aberto existencialmente enquanto *Ser com os outros*. Sendo a compreensão um elemento essencial, o Dasein sempre está perto daquilo que compreende. O silêncio, no entanto, não significa ficar mudo. Ele só é possível num discurso autêntico. É preciso ter o que dizer para poder silenciar. O silêncio é uma escolha que possibilita o verdadeiro ouvir⁷. No silêncio do quarto, G.H. ouve e silencia: “Eu via o que aquilo me dizia: aquilo não dizia nada. E recebia com atenção esse nada, recebia-o com o que havia dentro de meus olhos nas fotografias; só agora sei de como sempre estive recebendo o sinal mudo.” (LISPECTOR, 2009, p. 34).

Clarice articula os principais movimentos do discurso para depois fazer linguagem. Linguagem de sobrevivência. Todo esse movimento acontece em meio à mediania banal da vida ordinária. É na cotidianidade que se desenvolve o modo de ser do Dasein. O modo de ser do cotidiano do discurso e da interpretação de si mesmo, do mundo e dos outros. Para alcançar uma conduta analítica é preciso ir além e extrair das aparências e da superfície o seu fundo original: “Trata-se da ação da analítica: ela desce, em seu esforço interpretativo ao modo de ser do cotidiano, estabilizado na mediania da conduta tanto numa sociedade primitiva quanto numa sociedade civilizada.” (NUNES, 2002, p. 14). No romance analisado, assim como em outras obras clariceanas, é justamente na banalidade da vida cotidiana que os momentos de epifania acontecem. A partir do olhar acostumado com aquilo que é comum, encontramos o corpo e a alma das coisas.

Em *A paixão segundo G.H.*, é a casa, primeiro espaço que habitamos antes de sermos lançados ao mundo, o envoltório que possibilita a busca pelo núcleo do Ser, o que dá margem à compreensão de ser este um elemento resultante da consciência em abismo (ALONSO, 2017), aquilo que orienta todo o romance, desde sua configuração narrativa básica de tratamento sobre o espaço e o tempo. Segundo um velho ditado,

7. “Aquele que vive na dependência da obra, seja para escrevê-la, seja para lê-la, pertence à solidão do que só a palavra Ser exprime: palavra que a linguagem abriga dissimulando-a ou faz aparecer quando se oculta no vazio silencioso da obra.” (BLANCHOT, 2011, p. 12).

carregamos na casa os nossos deuses domésticos. Em seu estudo sobre *A poética do espaço*, Gaston Bachelard analisa a imagem poética do espaço da casa como abrigo do Ser, em relação ao Ser-só: “é fechado na sua solidão que o ser de paixão prepara suas explosões e suas façanhas.” (BACHELARD, 1993, p. 203).

Esse palco do cotidiano é o lugar onde G.H. encontra o outro Ser na barata⁸, aquele que é irreduzível, posto que permanece: “Há trezentos e cinquenta milhões de anos elas se repetiam sem se transformarem. Quando o mundo era quase nu elas já o cobriam vagarosas.” (LISPECTOR, 2009, p. 47). A barata ocupa o lugar de divindade às avessas que permite a experiência limite de G.H. com aquilo que podemos chamar de o Outro por excelência. Diferentemente do Dasein, a barata não se questiona, permanece apesar do tempo e não se transforma nem atualiza, como se nela habitasse o fundo original do Ser, elemento que G.H. persegue em sua narrativa. Olga de Sá destaca essa trajetória como uma narrativa da “Paixão”:

Mas a paixão não é só a experiência nauseante de ter comido da massa da barata: engolir a massa branca e insossa, como protótipo da matéria-prima do mundo, foi, sem dúvida, uma experiência vital. Narrá-la, porém, foi uma experiência limite, porque a manducação da barata levava G.H. à renúncia de sua vida pessoal, de seu ser como linguagem (SÁ, 1993, p. 121).

Diante dessa experiência, G.H. percebe a força da matéria como o máximo do neutro. A massa branca da barata é a imagem do núcleo do Ser, enfim, livre dos acréscimos que impedem a realização do Ser total: “O nome é um acréscimo e impede o contato com a coisa. O nome da coisa é um intervalo para a coisa. A vontade do acréscimo é grande – porque a coisa nua é tão tediosa.” (LISPECTOR, 2009, p. 140) Renunciando a tudo, até mesmo a própria identidade, G.H. atinge a despersonalização: “Toda a parte mais inatingível de minha alma e que não me pertence – é aquela que toca na minha fronteira com o que já não é eu, e a qual me dou. (...) Sou mais aquilo que em mim não é.” (*Idem*, p. 123).

Nos romances de Clarice, observamos uma construção do Ser que se atualiza de acordo com o momento de vida de cada personagem. É como se em cada uma delas, houvesse uma aspiração a essa descoberta. Mas só G.H. atinge o máximo, extraído da mediania banal do cotidiano, seu fundo original. A consciência do não ser, a exemplo dos últimos fragmentos recolhidos em G.H., irmana-se ao lugar da “solidão essencial” que Maurice Blanchot estabelece em seu *Espaço literário* (2011). Na verdade, toda nossa leitura também encontra alicerce nas teorias deste pensador, pelo que agora não se pode furtar a menção direta ao seu argumento:

8. Recordemos uma síntese do enredo: “G. H. é uma mulher que se depara com uma barata, no quarto de sua empregada, e, após matá-la, sente vontade de experimentar seu gosto, entrando em contato com uma intensa epifania capaz de lhe dar um novo sentido existencial.” (MENDONÇA, 2014, p. 54).

Que eu não seja nada, isso afirma, certamente, que eu ‘me conservo no interior do não ser’; isso é sombrio e angustiante, mas diz também essa maravilha que o não ser é o meu poder, que eu *posso* não ser: daí vêm liberdade, dominação e futuro para o homem. Eu sou o que não é, aquele que cometeu secessão, o separado, ou ainda, como se disse, aquele em que o ser é discutido (BLANCHOT, 2011, p. 276).

Trata-se justamente de um corolário que o pensador reconhece como em profunda iniciação na consciência de mundo recebida em Heidegger, bipartida, ao mesmo tempo dissimulada no mundo, mas também absolutamente separada, ‘absolutamente absoluta’, libertadora, capaz de restabelecer os limites da decisão humana. Para Blanchot, a palavra literária se distingue de qualquer outra por se consagrar à passividade do ser, o que nos remete naturalmente ao exercício de linguagem que G.H. vivencia. Em nenhum momento, a tessitura da personagem de Clarice se divorcia do Ser que primeiramente habita a palavra, em sua condição expressiva de existência literária.

Por fim, a última característica que destacamos é a temporalidade⁹ como horizonte de possibilidade do Ser. Para Heidegger, a compreensão do Ser desemboca no tempo. O Dasein é temporal, existe temporalizando-se entre o nascimento e a morte. Passado, presente e futuro dando dinamismo ao Ser, impondo estrutura à sua existência. Em *A paixão segundo G.H.*, organizar os acontecimentos num determinado tempo é questão de sobrevivência. Ela narra para poder salvar-se: “Atingia o núcleo da vida, o infernalmente inexpressivo, o nada. Todo esforço humano de salvação, que consiste em transcender, é eliminado para se ficar dentro do que é.” (LISPECTOR, 2009, p. 136). Não uma salvação que a transcenda, mas uma salvação que está na coisa mesma, que passa pela barata, pela dor de escrever e da busca pela primeiridade. G.H., ao contrário, não quer salvar-se, para estar dentro do que se é.

A paixão segundo G.H. possibilita infinitas interpretações do Ser, traçando um caminho de retorno para encontrar aquilo que está na sua origem. Em *Crítica e verdade*, Roland Barthes (1999) aponta a função da crítica não como uma busca pela verdade, mas por validades, trazendo a figura do marceneiro e seu ofício para aproximar esses sentidos. Assim como ele, o ofício de G.H. é o de moldar com as mãos uma figura. Enquanto escultora ela possui, além de um papel social, uma imagem que a identifica. Mas em sua trajetória, ela faz o trabalho contrário, ela desgasta o Ser, tirando-lhe as formas. G.H. quer a matéria bruta de si, aquilo que ainda não foi tocado, descobrindo na matéria informe o que ela esconde. Manuseando as formas, ela busca aquilo que se esconde dentro da coisa, o seu núcleo. Ela quer o primeiro, segundo a concepção peirceana: “A

9. Nunes (2005), em sua leitura de *Ser e tempo*, nos diz que é na temporalidade que se explicitam todas as estruturas da existência. Concluindo que a temporalidade, enquanto condição da existência, do poder-ser, é a possibilidade da possibilidade.

voz, a linguagem, sempre lhe dá o terceiro, o símbolo (a beleza a rejeitar), não a identidade” (SÁ, 1993, p. 148). O acaso surge como portador dos acréscimos, do que vem depois. O terceiro a que Clarice se refere, é o símbolo daquilo que o Ser não é, pois em contato com o mundo é impelido a vivenciar as experiências que o acaso proporciona e que se engastam. Era por acaso que ela havia virado escultora. Era por acaso que suas iniciais figuravam nas valises: “É suficiente ver no couro de minhas valises as iniciais G.H., e eis-me (...) Também dos outros não exigia mais do que a primeira cobertura das iniciais dos nomes.” (LISPECTOR, 2009, p. 24). Por acaso, ela era essa mulher singular, em processo de conscientização da subjetividade. Assim como Heidegger busca o sentido do Ser em detrimento do ente, ou seja, fixando-se no Ser-aí (Dasein), Clarice busca desvelar o Ser contra aquilo que o imobiliza, contra a realidade. Realidade irreal, posto que é feita apenas para reforçar o círculo de falsa segurança em torno de si.

Considerações

Dentro de seu apartamento, envolvida no doce manto do cotidiano, G.H. vive uma existência de pré-climax. Decalcando da vida apenas a cópia de si mesma, sem mentir nem ser verdadeira: “– uma vida inexistente me possuía toda e me ocupava como uma invenção.” (LISPECTOR, 2009, p. 30). Até aquele momento nunca havia se perguntado: quem sou eu? Essa pergunta, demasiado perigosa, é o questionamento chave do Dasein. É a partir dele que o invólucro se quebra, deixando cair o edifício que era a sua construção, até agora. E aos poucos, desta pergunta, principia-se o caminho da Paixão:

Já estava havendo então, e eu ainda não sabia, os primeiros sinais em mim do desabamento de cavernas calcáreas subterrâneas, que ruíam sob o peso de camadas arqueológicas estratificadas – e o peso do primeiro desabamento abaixava os cantos da minha boca, me deixava de braços caídos. O que me acontecia? Nunca saberei entender, mas há de haver quem entenda. E é em mim que tenho de criar esse alguém que entenderá. (LISPECTOR, 2009, p. 44).

A paixão segundo G.H. é um livro sobre a paixão de escrever. Clarice, neste romance, leva ao limite sua indagação sobre as possibilidades ontológicas da linguagem. Mas de uma linguagem sonâmbula. É através da palavra, do desgaste do signo, do “malogro da voz” que ela busca chegar ao núcleo do ser. É a tentativa de dizer o indizível. O próprio ato de narrar busca a salvação e a palavra é a tábua pela qual ela boia sobre “vagalhões de mudez”. Para assim chegar ao inexpressível.

Referências

- ALMEIDA, Marília Murta de. *Um Deus no tempo ou um tempo cheio de Deus: um estudo sobre o temporal e o eterno em Clarice Lispector*. 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- ALONSO, Mariângela. *O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2017.
- ANKER, Valentina; DÄLLENBACH, Lucien. A reflexão especular na pintura e literatura recentes. In: *Art Internacional*, vol. XIX/2, fevereiro 1975 (Trad: Maria do Carmo Nino).
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- ECO, Umberto. *Confissões de um jovem romancista*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo* (1927), partes I e II. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- _____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MENDONÇA, Fernando de. *O desamparo do verbo: Clarice Lispector e Hilda Hilst – salmódicas*. 2014. 150 f. (Tese de doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- NUNES, Benedito. *Heidegger e ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- _____. Literatura e filosofia: Grande sertão: veredas. In Lima, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- PESSANHA, José Américo Motta. Clarice Lispector: o itinerário da paixão, *Remate de males*, Campinas, n. 9, p. 181-198, 1989.
- SÁ, Olga de. *Clarice Lispector. A Travessia do Oposto*. São Paulo: Annablume, 1993.
- _____. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- PONTY, Maurice Mearleu. *A prosa do mundo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.